

O CONFLITO FEMININO EM “LOS CONVIDADOS DE AGOSTO”

Fernanda RIBEIRO¹

RESUMO

“Los convidados de Agosto” é um conto da escritora mexicana Rosario Castellanos (1925-1975), que versa sobre a vida das mulheres no pequeno povoado de Comitán, no interior do México. O narrador adota a perspectiva narrativa de Emelina, a protagonista, para revelar os conflitos que engendram tradições, preconceitos e costumes de uma sociedade que quer preservar valores patriarcais; valores esses que não estão sendo respeitados por uma parte da população feminina, que vai a busca da realização de seus desejos. E Emelina será uma mulher que pretende quebrar as regras da comunidade patriarcal, ao querer conhecer (no sentido bíblico) um homem.

PALAVRAS-CHAVE: Rosario Castellanos, Los convidados de Agosto, literatura mexicana, literatura feminina.

ABSTRACT

“Los convidados de Agosto” is a short story from Mexican writer Rosario Castellanos (1925-1975) that deals with the women's life in a small village of Comitán, countryside of Mexico. The narrator adopts Emelina's narrative perspective, the protagonist, to reveal the conflicts which engender traditions, that prejudice and habits of a society that wants to preserve patriarchal values; whose values aren't respected by a part of the feminine population, that searches the realization of its desires. And Emelina will be the woman who intends to break the rules of the patriarchal community, by desiring to know (in the biblical sense) a man.

KEYWORDS: Rosario Castellanos, Los convidados de Agosto, Mexican literature, feminine literature.

Resumo do conto “Los convidados de agosto”

O conto se inicia com uma descrição de uma festa, com rojão e música e, em seguida, descreve-se uma procissão de diversas igrejas rumo à Igreja central. Os sons dos sinos rompem a sonolência de Emelina, que sonhava estar num quarto de hotel em San Cristóbal com sua irmã Ester; logo ela percebia que Ester não estava e sentiu a presença de uma pessoa, melhor, a presença de um homem.

Emelina fica brava por acordar do sonho. A empregada entra com o café da manhã e, ao ser questionada, diz a Emelina que vai à quermesse, mas não vai ver os touros porque suas economias não eram o suficiente. Emelina se lembra que no ano interior os toureiros haviam sido mulheres e que as moças de Comitán ficaram decepcionadas por perder a oportunidade de tirar o “peso de una soltería” [1] (CASTELLANOS).

A empregada sai e Emelina fica lembrando do sermão do padre: ele repreende a atitude das moças que vão à feira e que se deixam levar pelos forasteiros a San Cristóbal para serem abusadas, então voltam para a casa, se trancam para ter o filho, e voltam à vida normal, como se nada tivesse acontecido; também condena a atitude dos pais e dos irmãos dessas moças. Emelina se recorda de algumas dessas moças: a Casquitos de Venado e a Estambul.

¹ Mestre pelo curso de pós-graduação em Letras, Estudos Literários, da UEL – Universidade Estadual de Londrina. Rua Santos Dumont, 1242. Vila Boa Vista, Assis, SP, Cep. 19806-062 : fer@femanet.com.br

Ela sai do quarto e vai para o corredor. Ela observa algumas flores e a gaiola do canário. Ela vai até o pássaro, abre a porta da gaiola e o observa: o animal vai até a porta da jaula, pára e volta para dentro. Emelina se desconcerta não com a atitude do canário e sim com a sua.

Na hora do almoço, todos da casa se reúnem na sala de jantar. A mãe preside a mesa e sua conversa demonstra “la falta de gobierno de su mente” [2] (CASTELLANOS); ela somente sabe falar de Lisandro (provavelmente seu marido, de quem há muito tempo enviuvara). Mateo, irmão de Emelina, é gago, quase nunca conversa com a família, e constantemente se embriaga. Ester é quem administra e sustenta a casa; ela questiona a irmã pela falta de apetite. Quando Emelina lhe diz que vai tomar banho logo após a refeição, Ester a ironiza por querer ir à feira, aos 35 (trinta e cinco) anos de idade e competir com as juvenzinhas.

Emelina abandona a mesa soluçando e se tranca no quarto de vestir. Quando ouve os sinos, se dá conta do horário e vai banhar-se. Quando a empregada está penteando-a, ela recorda o “acidente” que todo ano ocorre na feira: o desmoronamento da arquibancada da praça de touros, quando as moças de Comitán permitem uma aproximação maior dos homens. Neste momento, ela percebe a presença de Enrique Alfaro, amigo de Mateo, no saguão da casa.

Emelina e sua amiga Concha vão para a feira, passando pelas ruas da cidade, sem se importar com a desaprovação das “resignadas” que ficaram em suas casas. As duas amigas atravessam o parque sem se entreter com as barracas e vão direto à bilheteria, escolhendo lugar na parte de baixo da arquibancada. Após uma descrição da entrada de diversas pessoas, tem-se a narração da tourada até o momento do acidente.

No desmoronamento, as amigas ficam separadas e Emelina é tomada por uma vertigem. Quando volta a si, está nos braços de um homem, que lhe dá um pouco de bebida para reanimá-la. Ao ser questionada, Emelina lhe diz que está só e ele a tira da arena. Como não havia banco vazio no parque, eles sobem as escadas e vão para o quiosque. O homem pede vinho e a bebida destrava a língua de Emelina, que se põe a falar de sua vida e de sua família. Ele nada diz de si, apenas comenta que conhece a fama das “comitecas”.

Ele lhe pergunta se a leva para casa e, com a resposta negativa dela, diz que ele escolherá o caminho que vão seguir. Quando ele está alugando um carro, aparece Mateo e Enrique. O irmão discute com o homem e os dois tiram o casaco para uma possível briga. Emelina é tirada do local por Enrique. Ao perceber a chance que perdeu, ela começa a gritar e Enrique, não agüentando os gritos (os uivos), larga-a sozinha e se dirige a um bordel.

Narrador

O narrador é uma “entidade fictícia a quem, no cenário da ficção, cabe a tarefa de enunciar o discurso” (REIS, 2000, p. 257). Não se deve confundir-lo com o autor, apesar de ser uma invenção deste e poder incorporar sua conduta ou idéias. O narrador é o detentor de uma voz que pode ser notada ao nível do enunciado, e articula a história. Conforme as posições do

narrador em relação à história, surgem categorizações para defini-lo e compreender como a fábula ou trama é construída.

Para analisar o narrador do conto de Rosario Castellanos, optou-se pela tipologia de Norman Friedman, através da leitura realizada por Chiappini, porque tal categorização consegue responder a algumas questões importantes levantadas por Chiappini (1985): quem narra a história? Em qual posição se coloca em relação à história? Qual (ais) canal (ais) ele utiliza para veicular informação? E a que distancia do leitor ele se coloca?

No caso de “Los convidados de Agosto”, o narrador não participa da história e, por isso, se posiciona fora dos acontecimentos narrados e opta por não tecer comentários sobre o que é relatado. Ele escolhe a personagem Emelina para ser o seu ângulo de vista e, algumas vezes, deixa que a mente da protagonista entre em seu discurso, narrando o pensamento dela.

Trata-se, então, de um narrador onisciente neutro porque fala em terceira pessoa, ou seja, ele não é uma personagem da história, ele não participa dos fatos que está relatando. Na maior parte do conto, esse narrador adota a perspectiva narrativa de Emelina, isto é, através das atitudes, sentimentos e olhar da personagem que ele vai narrar os fatos e dar as informações sobre as demais personagens e acontecimentos.

Em muitos momentos, aparece uma outra categoria narrativa: a onisciência seletiva. Nesses trechos, a história vem direto da mente da personagem, com seus pensamentos, sonhos, devaneios, conceitos de outras pessoas e percepção do mundo.

Como exemplo de narrador onisciente neutro, destaca-se o seguinte trecho do conto:

Cuando volvió en sí estaba en brazos de un hombre desconocido que la hacía beber, a fuerza, un trago de comiteco. Emelina (que no supo si deliraba aún) cesó de hacer gestos de repugnancia y bebió con avidez un sorbo y otro y otro más. El aguardiente le devolvía el pulso, le ordenaba los sentidos, la vivificaba.

Pero no únicamente a ella, como cuando bebía a escondidas; sino que todo su alrededor iba cobrando, de pronto, un relieve inusitado. Los colores eran más intensos, los perfiles más nítidos, los aromas casi tangibles. [3] (CASTELLANOS)

Nesse fragmento, pode-se perceber que o narrador não participa da história e conhece o que se passa no interior da personagem (“que no supo si deliraba aún”) ou mesmo aquilo que faz escondido dos demais (beber). O narrador é onisciente por conhecer o interior e o exterior da (s) personagem (ns).

Sobre a onisciência seletiva, o seguinte exemplo é muito válido:

¡Cuántas, repasó Emelina mientras se limpiaba con cuidado las comisuras de la boca, cuántas esperaron esta oportunidad anual para quitarse de encima el peso de una soltería que se iba convirtiendo

en irremediable! Muchachas de los barrios, claro, que no tenían mucha honra que perder y ningún apellido que salvaguardar. ¡Y qué descaradas eran, Dios mío! Andaban a los cuatro vientos pregonando (con sus ademanes, con sus risas altas, con sus escotes) que se les quemaba la piel. [4] (CASTELLANOS)

A onisciência seletiva se caracteriza pela (quase) “perda” da voz do narrador onisciente, já que os fatos, ou melhor, a história relatada e as informações saem diretamente da mente de uma personagem sem a imediação de um narrador que resuma os fatos. Nesse caso, percebe-se que o discurso é o indireto livre, um “discurso híbrido, onde a voz da personagem penetra a estrutura formal do discurso do narrador, como se ambos falassem em uníssono fazendo emergir uma voz <dual>” (REIS, 2000, p. 320). Esse recurso permite a representação do mundo interior da personagem, como uma forma de entender (ou não) as suas atitudes e seu modo de ser.

Em “Los convidados de Agosto”, a onisciência seletiva é importante para se entender o universo de Emelina, para perceber quais são seus anseios e conhecer a sociedade em que vive.

Os sonhos e os devaneios de Emelina giram em torno de uma só idéia: ter um homem. Ela sonha estar com um homem num quarto de hotel da cidade vizinha; ela pensa (com uma ponta de inveja) nas moças que se entregaram a homens que vieram à feira; ela recorda o “acidente” da arquibancada da arena, que ocorre todos os anos, no qual as moças conseguem algo (um namoro ou a perda da virgindade). A feira era um pretexto para as moças deixarem de ser solteiras, ou mesmo ter uma maior intimidade com algum homem.

E é com o narrador onisciente que se percebe, com riqueza, os detalhes da feira, das touradas e das procissões das paróquias rumo à Igreja principal. É com a ajuda dele que se vai conhecendo a rotina de Emelina na casa e também do encontro da família em torno da mesa na hora da refeição. A narrativa vai mesclando, a cada instante, a onisciência seletiva junto com o discurso do narrador onisciente para a tecedura da trama narrativa.

Espaço

O espaço é uma categoria da narrativa importante porque contém o local/lugar em que a história se desenvolve, criando um ambiente específico. O espaço pode ser dividido em três categorias: físico, social e psicológico. Quando o espaço de uma narrativa contém dados da realidade, componentes físicos que compõem o cenário, é o que se chama de espaço físico. Quando a narrativa descreve ambientes da sociedade, com personagens tipos de classes sociais, ou figurantes que ilustram o lado negativo da sociedade, tem-se o espaço social sendo representado. Já o espaço psicológico revela a atmosfera densa e perturbante da mente da(s) personagem(ns); nesse, o espaço se limita àquilo que está se passando no interior da personagem.

A representação do espaço está condicionada à perspectiva narrativa do narrador. Algumas vezes, o narrador onisciente opta por uma visão panorâmica da história e assim tem-se a visão completa do espaço; outras vezes, o narrador prefere se limitar à visão de uma personagem e, através dela, vai configurando o cenário aos poucos.

Nos primeiros parágrafos do conto “Los convidados de Agosto”, o narrador onisciente faz uma descrição panorâmica de uma festa em honra a Santo Domingo de Guzmán, o padroeiro da cidade de Comitán. Apesar de não haver a descrição de um espaço físico, há a sugestão de um ambiente religioso em que se nota diferenças entre as classes sociais: todas as mulheres usam xale para irem à Igreja, mas o tecido revela se são de “boa família”, pessoas de posse ou não; a procissão de cada paróquia rumo à Igreja principal demonstra a condição econômica de seus paroquianos.

A casa de Emelina é vista pela perspectiva dessa personagem, já que o narrador onisciente adota a perspectiva narrativa dela e, várias vezes, deixa a mente de a protagonista entrar em seu discurso, gerando a onisciência seletiva. Do quarto de Emelina, tem-se a descrição do lustre do teto: “Esa lámpara de porcelana, con sus flores pintadas y una leve resquebrajadura en el centro...” [5] (CASTELLANOS). A rachadura denota o passar do tempo, algo que já está ficando envelhecido. Essa idéia pode ser confirmada pelas correntes do lustre. Antigamente, Emelina dizia a suas amigas que as correntes eram de ouro de tanto que elas brilhavam e agora “las cadenas estaban completamente enmohecidas” [6] (CASTELLANOS). O mofo também é um sinal de que algo está velho e que há muito tempo não foi limpo ou tocado (se é que uma vez fora limpo ou tocado). Ao se ler o conto, pode-se associar essa idéia de algo está ficando velho com a personagem Emelina, já que ela está com trinta e cinco anos e nunca tivera um homem. A feira, que ocorre todos os anos na cidade, é a sua única chance de conhecer um homem. Ela não é velha, mas já percebe os sinais do passar do tempo em seu corpo.

Mas não é o quarto da casa de Emelina que desperta atenção do leitor, e sim o quarto de hotel da cidade vizinha que tem o piso de madeira que range, a cama de latão com o centro afundado pelo peso dos hóspedes, os cobertores e lençóis repugnantes, o papel de parede desbotado e o teto úmido. Apesar de toda a decadência e desleixo do lugar, esse quarto se transfigura nos sonhos de Emelina porque não era a sua irmã quem estava presente e sim “una especie de exaltación, de plenitud, de sangre caliente y rápida cantando en las venas. Era un hombre” [7] (CASTELLANOS). Para Emelina, não importava o estado decadente e sujo da habitação, pois a presença da figura masculina modificava tudo, ou melhor, o que interessava era estar com um homem, o local era de menos.

O quarto de hotel que Emelina imagina é da cidade de San Cristóbal, cidade onde as moças de Comitán deixavam ser levadas pelos homens que compareciam à feira de Agosto. Emelina e sua irmã Ester haviam viajado para esta cidade uma vez e Emelina trazia consigo a

imagem do quarto porque também queria que um homem a levasse para lá e lhe ensinasse a “vida”.

É no corredor de sua casa que Emelina começa a entrar em contato com o mundo (físico), encontrando as flores e o canário e observando a movimentação das demais pessoas que estão na casa. O corredor é uma parte da casa que liga vários cômodos e, assim, Emelina vai saindo do seu quarto e, conseqüentemente, de seu mundo interior, e vai se envolvendo com o universo da casa, com o mundo que não está em sua mente.

A sala de jantar é o cômodo da casa que reúne todos os familiares para a refeição, só que isso não significa que eles estejam em unidade. O almoço transcorre em um clima tenso. A mãe, que presidia a mesa e deveria ser uma figura autoritária e ajuizada, é uma pessoa que não tem controle de suas emoções e de sua mente. Mateo, o irmão de Emelina e o único homem da casa, é um bêbado e sofre de gagueira, preferindo o silêncio durante a refeição para não expor sua debilidade vocal. As duas irmãs sempre estão discutindo e nesse almoço descrito na narrativa, elas discutem porque Emelina tem intenção de participar da Feira. A sala de jantar, que deveria ser um ambiente calmo para as refeições, torna-se um local que agrupa todos os conflitos da casa por reunir nas refeições.

O quarto de se vestir, tal como o quarto de dormir, também é um refúgio de Emelina; ela se tranca nele após a briga com Ester no almoço, num desejo de estar só e longe do conflito familiar.

O último local da casa a ser mencionado no conto é o saguão. Não há uma descrição dos objetos e outros elementos físicos desse cômodo, no entanto, é o local em que Emelina começa a ter contato com o mundo exterior à casa e com outras pessoas que não participam de seu universo familiar. Tal cômodo é a ligação da casa com a rua, ou seja, do mundo interior e doméstico com o mundo exterior e público.

Se a casa é um universo fechado, que tende para o silêncio, o monótono e a lentidão, a rua é um espaço aberto, ruidoso e agitado. O narrador vai mapeando as barracas das feiras pelas quais as personagens passam sem se deterem: “el tiro al blanco” (o tiro ao alvo), “los cartones de loteria” (os cartões de loteria), “las diversiones de los niños” (as diversões das crianças) e outros mais.

Enquanto Emelina e Concha se dirigiam para a praça de touros, algumas moças a observavam de dentro de suas casas: “Pasaban ante los visillos, apenas corridos, de las ventanas, erguidas, sin aceptar la mirada de conmisericación o de burla que las prudentes, las resignadas, les dirigían” [8] (CASTELLANOS). A janela é o local da casa que permite o olhar para fora, mas sem precisar sair do universo doméstico. As moças que observavam as duas amigas são aquelas que não se atreveram a sair do espaço doméstico e lutar por um lugar no espaço público.

Na praça de touros, as amigas escolhem assentos na parte de baixo da arquibancada por medo do desmoronamento. A arena é um local que reúne diversas pessoas - forasteiros e

moradores da cidade – para o evento principal da feira: a tourada. Apesar de concentrar diversas pessoas, não existe unidade e harmonia entre elas: as pessoas delatam o lado negativo ou vergonhoso das demais através de algum chiste ou alcunha.

É por causa do “acidente-tradição” da tourada que Emelina se vê nos braços de um homem, que a tira da praça e a leva para a cantina, que fica num plano geograficamente mais alto, o que se subtende que eles sobem as escadarias do parque para chegar ao quiosque. A escada não tem somente a função de ligar, no conto, o parque ao quiosque, mas também de demonstrar a ascensão e a valorização da personagem ao lado de um homem. Mesmo com os olhares de reprovação das demais pessoas, Emelina se sente engrandecida, enaltecendo-se perante as outras mulheres porque conseguiu “um macho”.

Para Chevalier & Gheerbrant (2002, p. 382), “o símbolo da escada pode conter por vezes uma significação erótica, sendo que a ascensão, nesse caso, é a do desejo”. O momento culminante de alegria para Emelina foi estar com o homem no quiosque, bebendo vinho, pois ela estava realizando seu desejo: estar com um homem. Mas ao descer as escadas, quando eles pensam em ir embora, é como se a personagem estivesse descendo do mundo dos sonhos para a realidade, pois Mateo e Enrique impedem-na de fugir.

O conto de Castellanos subverte a ordem patriarcal de que as mulheres devem ficar em casa, pois Emelina e outras moças – como a Casquitos de Venado e a Estambul – saem de casa, vão para o espaço público e tenham a oportunidade de estar com um homem.

É dentro da casa, do ambiente doméstico, que a protagonista do conto idealiza seus sonhos, no entanto, a chance de concretização de seus desejos está no universo exterior a casa, e é preciso deixar o lar e ganhar o universo público para que a mulher possa conseguir seus ideais.

Indícios do rompimento

Desde a primeira linha do conto, percebe-se que a narrativa falará de um “rompimento”: “El rompimiento fue aquella madrugada mucho más ruidoso de lo que ninguno de los presentes era capaz de recordar” [9] (CASTELLANOS). Essa frase prende a atenção do leitor, que vai lendo o conto com o desejo de saber qual tipo de rompimento o narrador se refere.

Aos poucos, o conto vai delineando que tipo de rompimento se fazia referência na primeira linha. Emelina, uma moça “solteirona”, de trinta e cinco anos, deseja conhecer um homem (no sentido bíblico). Seu sonho revela o seu grande desejo:

“Se veía en San Cristóbal, en el sórdido cuarto de hotel (...) Recordaba los pisos de madera, rechinantes y no muy seguros; las camas de latón (...) Faltaba Ester pero sentía la respiración de alguien allí (...) Era más bien una especie de exaltación, de plenitud, de sangre caliente y rápida cantando en las venas. Era un hombre. [10] (CASTELLANOS)

Fica-se na expectativa se a protagonista vai realizar seu grande sonho ou não.

O rompimento de que se trata o conto é em relação a algumas mulheres que deixam o espaço doméstico e vão para o universo público e masculino a procura de um homem. Algumas moças, em anos anteriores, haviam logrado o seu intento:

“¿Qué hacia ahora la Estambul? Su niño iba a la doctrina y ella regenteaba un taller de costura.”

“La Casquitos de Venado no se quedó conforme con San Cristóbal y siguió hasta México, a correr borrasca. Nadie volvió a saber de ella. ¡Qué risa, cuando la vieron regresar a Comitán como señorita torera!” [11] (CASTELLANOS)

O sermão do padre, lembrado por Emelina, revela que tal atitude das mulheres tem sido frequentes e que a família, principalmente pais e irmãos, deveriam impedi-las:

¿Qué se sacan con andar loqueando? Que algún extranjero, de los que vienen a la feria, les tenga lástima, se las lleve a San Cristóbal y, después de abusar de ellas, las deje tiradas allá. Y se regresan tan campantes como si hubieran hecho una gracia. Las debían de apalear. [12] (CASTELLANOS)

Percebe-se por esses fragmentos do conto que Comitán é uma sociedade que está perdendo os valores patriarcais e que muitas mulheres vão em busca de seus propósitos. Emelina é uma dessas moças que quer realizar o desejo de estar com um homem. A cena em que ela abre a gaiola do canário representa a sua atitude que irá tomar frente à sociedade machista e patriarcal:

El canario dio unos pasos vacilantes hacia la salida y se detuvo allí, paralizado por el abismo que lo rodeaba. ¡Volar! Batir de nuevo unas alas mutiladas mil veces, inútiles tantos años. Avizorar desde lejos el alimento, disputárselo a otros más fuertes, más avezados que él... Emelina seguía, con angustia, estas deliberaciones. Cuando el canario regresó, con una lenta dignidad, al fondo de la jaula, no supo si sentirse aliviada o sarcástica. Lo que le producía más desconcierto era lo extraño de su propia actitud. [13] (CASTELLANOS)

A descrição do medo e da vacilação do canário pode ser associada ao que sentia Emelina por querer abandonar tudo para ir atrás de um homem. Nesse momento, ela ainda vacila em largar a casa, pensa nas plantas e no pássaro. Ela tem consciência de que, ao sair de casa, terá que disputar com outras mulheres mais jovens. Emelina não se surpreende com a atitude do pássaro, e sim com a sua atitude de abrir a gaiola. Isso demonstra que ela não hesitará em sair com um homem quando tiver a oportunidade.

Um outro indício do rompimento é o devaneio de Emelina sobre o “acidente” que ocorre todos os anos, durante a tourada:

El derrumbe tuvo la lentitud de los sueños. Cada uno se asía a su vecino y las mujeres aprovechaban el pretexto para permitir efusiones que ya no eran de terror. Chillaban histéricamente y muchos hombres, que desde abajo atisbaban el revolver de las faldas, emitían exclamaciones obscenas, gritaban también, aplaudían, ahogando este ruido el de la madera vencida. [14]

É com esse desmoronamento que muitas mulheres conhecem os homens que vão para a feira, alguns encontros resultam em noivados, outros não passam de uma noite num quarto de hotel em San Cristóbal. Emelina sonha com esse acidente da arquibancada da arena de touros porque quer um homem que a leve para a cidade vizinha. Esse fragmento é também um indício que será na praça de touros que a personagem conhecerá um homem.

O homem

O conto de Castellanos vai preparando o leitor para o encontro de Emelina com um homem: os indícios relatados anteriormente criam uma atmosfera para esse encontro. Mas esse homem tão esperado pela protagonista não é um indivíduo particular, mas sim uma personagem-tipo, pois não se destaca as suas características pessoais e psicológicas, mas somente a sua condição de pertencer os sexo masculino.

O homem não tem nome, simplesmente é designado, na narrativa, como “el hombre”. Ele surge no conto após o desmoronamento da arquibancada, ajudando Emelina que havia tido um leve desmaio e levando-a para o quiosque. Nesse momento, na cantina, quem conversa é ela, quase num monólogo; ele apenas lhe diz saúde, enquanto bebe. As frases ditas por esse homem são mínimas, mas revela que ele conhece a fama da Feira de Comitán – “Conocía yo el dicho: Comitán de las Flores. Por sus mujeres bonitas” [15] (CASTELLANOS) – e sobre a sua vida nada se sabe, pois ele prefere não contar nada:

—A mí me tocaron otras cosas. Soy... bueno, fui hace muchos años...

Hizo como si contara con los dedos y luego abandonó el propósito con un ademán de impotencia. [16] (CASTELLANOS)

É interessante notar que o homem conhecia a fama das moças da cidade e, com certeza, fora para a feira a fim de conseguir uma mulher. E quando Emelina lhe diz que não irá para casa, ele escolhe o caminho. Como se disse, nada da personalidade dele interessa, somente o fato dele ser alguém do sexo masculino que pode levar Emelina para San Cristóbal ou qualquer outra cidade e iniciá-la na área sexual.

Símbolos

O conto de Rosario Castellanos, “Los convidados de agosto”, possui vários símbolos que reforçam as idéias e imagens apresentadas na narrativa.

Já foi analisada a cena em que Emelina abre a gaiola do pássaro e se assusta com a sua atitude. Conforme Chevalier & Gheerbrant (2003, p.688), “a palavra pássaro é muitas vezes tomada como sinônimo de destino”. Pode-se associar o canário enjaulado com Emelina, que se sentia presa em uma gaiola por sua família e por sua cidade, sem conhecer os prazeres de namorar um homem. As deliberações que a personagem atribuía ao pássaro (¡Volar! Batir de

nuevo unas alas mutiladas mil veces [17] ...) são, na realidade, a sua vida; é ela quem foi mutilada muitas vezes, quem nunca teve a chance de ter um homem, um namorado; é ela quem quer voar, sair de casa, disputar um homem com as outras moças. Na cena do canário, é a própria personagem quem abre a gaiola e se assusta com sua atitude, este é um indício que Emelina é quem vai sair da jaula de sua casa e conseguir um homem.

O vôo que o pássaro não dá, e que exprime o desejo de Emelina de sair de casa, simboliza “um desejo de sublimação, de busca de uma harmonia interior, de uma ultrapassagem dos conflitos” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2003, p. 964). Esse vôo que a personagem espera revela seu desejo de se exaltar e de se engrandecer perante a sociedade e a sua família, mostrando a eles que ainda tem idade para conseguir um homem e conhecer os mistérios do amor (sexual). Nesse momento da cena do pássaro, Emelina está perdida em suas deliberações, refletindo sobre a sua vida e como irá superar o conflito de abandonar a casa por causa de um homem. O “vôo” que ela espera dar é justamente a superação de todos os seus conflitos (interiores e exteriores).

O vinho é também um símbolo importante no conto; é a bebida que Emelina e o homem tomam no quiosque e que se torna “o símbolo do conhecimento e da iniciação, devido à embriaguez que provoca” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2003, p. 956). É a primeira vez que Emelina está sozinha com um homem e ela tem consciência que ele irá iniciá-la na área sexual. A sua atitude de estar com um homem desconhecido numa cantina, bebendo vinho, é sinal de alegria para ela e sinal de loucura para as pessoas que os observam: alegria e loucura são duas atribuições associadas ao vinho, porque a bebida embriaga a pessoa, tornando-a alegre e, ao mesmo tempo, fazendo-a esquecer um pouco a razão. Toda essa simbologia do vinho reforça a cena do conto: Emelina sente que está se iniciando na área de relacionamento com homens e tal conhecimento a deixa feliz; sua alegria é loucura para uma sociedade patriarcal, na qual ela vive.

A escada é também um símbolo importante no conto de Castellanos, ela representa a valorização e a ascensão, como se viu na análise do espaço. Emelina, que havia sido desvalorizada pela sua família, principalmente pela sua irmã, retoma a sua auto-estima quando o homem a leva para o quiosque, de onde observam o parque, que está no plano geograficamente inferior. Ter ido a esse lugar mais alto significa para a protagonista uma ascensão perante outras moças, como sua amiga Concha que não se atreve a subir as escadas. Emelina se vangloria de sua atitude, fazendo-se superior à sociedade retrógrada de Comitán.

Muitas vezes, em narrativas escritas por mulheres, o espelho representa um momento único, em que a personagem feminina se descobre, é um instante de auto-conhecimento. Em “Los convidados de Agosto” o espelho também simboliza o auto-conhecimento da personagem, mas não é um momento único, já que a narrativa esclarece que Emelina: “Conocía su cuerpo

centímetro a centímetro. Y gracias a la contemplación cotidiana, los cambios que iba sufriendo le pasaban inadvertidos” [18] .

Para a protagonista, o espelho revela o seu corpo e as pequenas transformações que vão ocorrendo com o passar do tempo. O conhecimento que Emelina adquire com a contemplação diária é apenas exterior e físico, é um conhecimento superficial.

A conotação sexual surge na narrativa através de dois elementos: o touro e a pistola. O touro, conforme Chevalier & Gheerbrant (2003, p.890) evoca a imagem do “macho impetuoso”, além de exprimir a idéia de força. Emelina é encontrada pelo homem após a tourada e ele não hesita em levá-la embora, quando ela lhe diz que não voltará para casa. A pistola é um símbolo fálico, como confirma Chevalier & Gheerbrant (2003, p.81): “a psicanálise vê na maioria das armas um símbolo sexual... A designação do órgão masculino é a mais clara, sempre que se trate de pistola e de revólveres” Por isso, se afirma que Emelina queria um homem que lhe iniciasse na área sexual, mesmo não estando tal afirmação explícita no enunciado, porque os símbolos presentes na narrativa demonstram essa idéia.

Considerações finais

Contemporaneamente, na área de estudos literários, tem surgido interesse cada vez maior sobre a escritura feminina, englobando três aspectos: a) o estudo das semelhanças e diferenças entre a escrita das mulheres e da escrita dos homens; b) o resgate de textos escritos por mulheres em diferentes épocas; c) a análise da representação da mulher em textos literários, escritos por homens e por mulheres.

O conto analisado nesta monografia foi escrito por uma mulher mexicana, que viveu a infância e a adolescência numa cidade do interior do México, na qual se preservava a ordem patriarcal. No entanto, Rosario Castellanos teve a oportunidade de cursar faculdade trabalhar, dentro e fora do país, destacando-se em seu trabalho e em sua carreira de escritora.

No conto “Los convidados de Agosto”, a autora representa o contexto da vida da pequena classe média da cidade de Comitán, México, povoada por conflitos que engendram tradições, preconceitos e costumes de uma sociedade que quer preservar valores patriarcais; valores esses que não estão sendo respeitados por uma parte da população feminina, que vai a busca da realização de seus desejos.

No conto fica explícito que as famílias e os homens da cidadezinha têm a idéia de que o espaço da mulher é o lar e que ela não deve sair de casa, muito menos para procurar um homem. No entanto, várias moças vão para o espaço público a fim de se divertirem e de encontrarem um homem que as leve para a cidade vizinha, sem se importarem com a sua honra e sua família. É o que ocorre com Emelina que, aos trinta e cinco anos, sai de casa para o evento anual da cidade com o intuito de encontrar um homem. Mas seu irmão Mateo e o amigo Enrique impedem-na de fugir porque acreditam que devem preservar a honra e o sobrenome da família.

Castellanos retrata uma cidade que está em conflito com os valores morais impostos pela sociedade machista, cujas regras muitas mulheres já não querem aceitar. Esse é o conflito de “Los convidados de Agosto”.

Bibliografia

BRANCO, Lucia Castelo. O que é escrita feminina. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: A personagem de ficção. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 53-80.

CASTELLANOS, Rosario. Los convidados de Agosto. Disponível em: <www.sololiteratura.com/rosobrosconvidados.htm>. Acesso em: 24 outubro 2004.

CHEVALIER, Jean, GREERBRANT, Alain. Dicionário dos símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Colaboração de André Barbault et al. Coordenação de Carlos Sussekind. trad. Vera da Costa e Silva et al. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

DIMAS, Antonio. Espaço e romance. São Paulo: Ática, 1985.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. O foco narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão).

São Paulo: Ática, 1985.

GOTLIB, Nádía Battella. Teoria do conto. 5. ed. São Paulo: Ática, 1990.

MOI, T. Feminist, female, feminine. In: BELSEY, C., MOORE, J. (ED.). The feminist reader: essays in gender and the politics of literary criticism. London: Macmillan, 1993, p. 117-132.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. Dicionário de narratologia. 7. ed. Coimbra: Almedina, 2000.

SHOWALTER, E. A literature of their own. EAGLETON, M. (Ed.). Feminist literary theory: a reader. Cambridge, Mass.: Blackwell, 1986. p. 11-15.

TOMACHEVSKI, B. Temática. In: EIKHENBAUN, B. et al. Teoria da literatura. Porto Alegre: Globo, 1978. p. 169-207.

Biografia e bibliografia de Rosário Castellanos

Nasceu na Ciudad de México em 25 de maio de 1925 e morreu em Tel Aviv, Israel, em 7 de agosto de 1974. Ainda recém nascida, foi levada a Comitán, Chiapas, terra de seus pais e avós. Ali realizou seus estudos. Voltou à capital aos dezesseis anos. Fez graduação em Filosofia na Universidad Nacional Autónoma de México em 1950; depois, na Universidad de Madrid, fez cursos de estética e estilística. Retornou ao México e foi promotora de Ciências e Artes de Chiapas, em Tuxtla Gutiérrez (1952). De 1954 a 1955, escreveu poesias e ensaios com ajuda da bolsa de Rockefeller. De 1956 a 1957 trabalhou no Instituto Indigenista de San Cristóbal las Casas, em Chiapas; em Indigenista de México, de 1958 a 1961, foi redatora de textos escolares. De 1961 a 1966 trabalhou na Información y Prensa na UNAM, e outorgou as cátedras de literatura comparada, novela contemporânea e seminário de crítica na Faculdade de Filosofia e Letras da mesma Universidade, de 1961 a 1971. Exerceu com grande êxito o magistério, em México e no estrangeiro; nos Estados Unidos como professora convidada pelas Universidades

de Wisconsin y Bloomington, nos anos de 1966 y 1967, e em Israel, na Universidade Hebréia de Jerusalém, desde sua nomeação como embaixadora do México nesse país, em 1971, até a sua morte.

Seus livros são divididos em:

Livros de contos: Ciudad Real (1960), Álbum de Familia (1971), Los convidados de Agosto (1974).

Romances: De la vigilia estéril (1950), El rescate del mundo (1952), Balún-Canán (1957), Oficio de tinieblas (1962).

Teatros: Tablero de damas (1952), El eterno femenino (1975).

Ensaio: La novela mexicana contemporánea y su valor testimonial (1966), La corrupción (1970), Mujer que sabe latín (1973), El uso de la palabra (1974) e El mar y sus pescaditos (1975).

Poesias: Trayectoria del polvo (1948), Apuntes para una declaración de fe (1948), De la vigilia estéril (1950), Dos poemas (1950). Presentación en el templo (1952), Poemas: 1953-1955 (1957), Al pie de la letra (1960), Salomé y Judith (1959), Lívida luz (1960), Materia memorable (1969), La tierra de en medio (1969), Poesía no eres tú, obra poética 1948-1971 (1972).

[1] peso de ser solteira. (Tradução nossa). Obs.: todas as citações em língua espanhola serão traduzidas pela autora da monografia e, quando se tratar de um trecho do conto, será indicado entre parênteses o sobrenome da escritora CASTELLANOS. A bibliografia do conto é: CASTELLANOS, Rosario. Los convidados de Agosto. Disponível em: <www.sololiteratura.com/rosobroslosconvidados.htm>. Acesso em: 24 outubro 2004.

[2] falta de governo de sua mente.

[3] Quando voltou a si estava nos braços de um homem desconhecido que a fazia beber, a força, um pouco de bebida. Emelina (que não sabia se ainda delirava) cessou de fazer gestos de repugnância e bebeu com avidez um gole e outro e outro mais. A aguardente devolvia-lhe o pulso, ordenava-lhe os sentidos, reanimava-a.

Mas não unicamente a ela, como quando bebia às escondidas, senão tudo ao seu redor ia cobrando, de pronto, um destaque inusitado. As cores eram mais intensas, os perfis mais nítidos, os aromas quase palpáveis.

[4] Quantas, repassou Emelina enquanto limpava com cuidado os cantos da boca, quantas esperavam essa oportunidade anual para tirar de cima dos ombros o peso de ser solteira, que ia se convertendo em irremediável! Moças dos bairros, claro, não tinham muita honra que perder e nenhum sobrenome que resguardar. E que descaradas eram, Meu Deus! Andavam aos quatro ventos pregando (com seus trejeitos, com suas risadas altas, com seus decotes) que lhes queimava a pele.

[5] Esse lustre de porcelana, com suas flores pintadas e uma leve rachadura no centro...

[6] as correntes estavam completamente mofadas.

[7] uma espécie de exaltação, de plenitude, de sangue quente e rápido cantando nas veias. Era um homem.

[8] Passavam ante as cortinas, apenas corridas, das janelas erguidas, sem aceitar o olhar de compaixão ou de deboche que as prudentes, as resignadas lhe dirigiam.

[9] O rompimento foi naquela madrugada muito mais ruidoso do que alguém dos presentes era capaz de recordar.

[10] Via-se em San Cristóbal, no sórdido quarto de hotel (...) Recordava os pisos de madeira, que chiavam e não eram muitos seguros; as camas de latão (...) Faltava Ester mas sentia a respiração de alguém ali (...) Era serão uma espécie de exaltação, de plenitude, de sangue ardente e rápido cantando nas veias. Era um homem.

[11] Que fazia agora a Estambul? Seu filho ia à catequese e ela comandava uma oficina de costura.

A Casquitos de Venado não ficou em San Cristóbal e seguiu até o México [capital], a correr borrasca. Ninguém mais soube dela. Quanta risada, quando a viram regressar a Comitán como senhorita toureira!

[12] O que se aproveita desse andar de louco? Que algum forasteiro, dos que vem à feira, tenha-lhes lástima, que as leve a San Cristóbal e, depois de abusar delas, deixe-as atiradas por lá. E que regressam despreocupadas, como se tivessem feito um favor. Deviam dar-lhes pauladas.

[13] O canário deu uns passos vacilantes até a saída e se deteve ali, paralisado pelo abismo que o rodeava. Voar. Bater de novo as asas mutiladas mil vezes, inúteis tantos anos. Vigiar de longe o alimento, disputá-lo com outros mais fortes, mais acostumados que ele... Emelina seguia, com angústia, essas deliberações. Quando o canário regressou, com uma lenta dignidade, ao fundo da gaiola, não soube se se sentia aliviada ou sarcástica. O que mais produzia desconcerto era o estranho de sua própria atitude.

[14] O desmoroamento teve a lentidão dos sonhos. Cada um se aproximava de seu vizinho e as mulheres aproveitavam o pretexto para permitir efusões que já não eram de terror. Gritavam histericamente e muitos homens, que debaixo vislumbravam o revoar das saias, emitiam exclamações obscenas, gritavam também, aplaudiam, abafando esse ruído o da madeira vencida.

[15] Conhecía o ditado: Comitán das flores. Por suas mulheres bonitas.

[16] A mim, competem-me outras coisas. Sou... bom, fui muitos anos ...

Fez como se contasse com os dedos e logo abandonou o propósito com um gesto de impotência.

[17] Voar. Bater de novo as asas mutiladas mil vezes.

[18] Conhecía cada centímetro de seu corpo. E graças a contemplação cotidiana, as transformações que ia sofrendo passavam inadvertidos.